


LITERATURA E SUA FUNÇÃO SOCIAL NA DITADURA MILITAR DOI: 10.5281/zenodo.6795891**Valdineia Ferreira dos Santos**

Professora do curso de Letras da Universidade Federal do Amazonas/UFAM. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Mato Grosso/UNEMAT e Letras pela Universidade Federal de Rondônia/UNIR. Mestre em Linguística pela Universidade Estadual do Mato Grosso/UNEMAT. Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. E-mail: valdineia@ufam.edu.br

Adriana Silva Lima

Graduada do curso de Letras-Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola pela Universidade Federal do Amazonas/UFAM E-mail: adrifredy123@gmail.com

Resumo: O presente artigo é um recorte da pesquisa de Iniciação Científica (FAPEAM) intitulada “A POESIA COMO RESISTÊNCIA AO REGIME MILITAR”, e tem como objetivo analisar a contribuição da música de Chico Buarque de Holanda em parceria na construção da crítica social da poesia brasileira produzida durante a ditadura militar. O *corpus* de análise é constituído por 01 canção do compositor: “Cálice”. A proposta de trabalho é, por meio desse objeto de análise, apontar algumas relações entre o regime militar e a música, com o intuito de mostrar uma das facetas da linguagem, o jogo entre o sentido aparente e os sentidos possíveis. O trabalho será desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, fundamentada na leitura e análise de alguns autores, como Borges (2004), Filho (2007), Homem (2009), Jutgla (2013) e Koch (2004). Chico Buarque de Holanda foi um autor engajado nas lutas sociais de sua época, trazendo em suas obras uma essência construtiva no sentido de nos fazer refletir sobre as nossas condutas como parte constituinte do sistema sociopolítico do país. Diante dessa perspectiva, faz-se relevante a busca de maior aprofundamento nas obras do autor, pois, contribuem de forma significativa na construção de formadores de opiniões.

Palavras-chave: Literatura. Resistência. Ditadura.

Abstract: This article is an excerpt from the Scientific Initiation research (FAPEAM) entitled "POETRY AS RESISTENCE TO THE MILITARY REGIME", and aims to analyze the contribution of Chico Buarque de Holanda's music in partnership in the construction of social criticism of Brazilian poetry produced during the military dictatorship. The corpus of analysis consists of 01 song by the composer: “Cálice”. The

work proposal is, through this object of analysis, to point out some relationships between the military regime and music, in order to show one of the facets of language, the game between apparent meaning and possible meanings. The work will be developed through bibliographic research, based on the reading and analysis of some authors, such as Borges (2004), Filho (2007), Homem (2009), Jutgla (2013) and Koch (2004). Chico Buarque de Holanda was an author engaged in the social struggles of his time, bringing in his works a constructive essence in order to make us reflect on our conduct as a constituent part of the country's sociopolitical system. In view of this perspective, it is relevant to search for greater depth in the author's works, as they contribute significantly to the construction of opinion formers.

Keywords: Literatura. Resistance. Dictatorship.

INTRODUÇÃO

A Censura surgiu durante a ditadura militar com a finalidade de impedir que discursos contrários ao regime circulassem em diferentes meios de comunicação. Nesse período, marcado por forte repressão militar que censurava a produção cultural artística e literária do Brasil, várias letras de músicas foram elaboradas com duplo sentido para confundir os censuradores, porém, nem sempre eles atuavam de modo eficiente, pois não compreendiam os possíveis efeitos de sentido desencadeados nos textos (BORGES, 2004).

Dentro desse contexto ouve a introdução do “AI-5” que ficou conhecido como o ato de censura. Através dele os militares perseguiram os artistas de todos os âmbitos, prendiam e até mesmo exilavam buscando dessa forma evitar que a mensagem que eles tinham que repassar fosse de uma certa forma bloqueada. A música de protesto foi escrita por alguns artistas que se destacavam na época, sendo entoada em diversos shows (JUTGLA, 2013). Entre as músicas da época da ditadura, surgiu a canção “Cálice”, 1973, que foi censurada por aproximadamente cinco anos, sendo lançada em 1978. Observa-se que, por meio da duplicidade de sentidos, parte das canções produzidas na época funcionavam como meio de protesto social, desta forma, estratégias eram usadas para burlar a censura.

Para análise, selecionamos como *corpus* a letra da música “Cálice” (1973) de Chico Buarque de Holanda, escrita em parceria com Gilberto Gil, com a finalidade de analisar a crítica social presente na referida canção. Por meio desse objeto de análise, apontamos algumas relações entre o regime militar e a música, com o intuito de mostrar uma das facetas da linguagem, o jogo entre o sentido aparente e os sentidos

possíveis. A pesquisa está fundamentada nos construtos teóricos de como Borges (2004), Filho (2007), Homem (2009), e Jutgla (2013), entre outros. A concepção de linguagem que nos interessa é baseada nos estudos do Círculo Linguístico de Bakhtin (1997) e Kock (2004), entre outros. Segundos os autores, a linguagem pode ser vista como forma de expressão de pensamento, ou como instrumento de comunicação. Porém, interessa-nos a concepção de linguagem como forma de interação, que concebe a língua em seu uso real, de forma mais presente em seu cotidiano, na qual o sujeito desenvolve sua independência intelectual, tendo várias compreensões daquilo que lhe é apresentado.

Dessa forma, nosso objetivo é analisar a contribuição da poesia de Chico Buarque de Holanda na construção da crítica social da poesia brasileira produzida durante as décadas de 1960 e 1980, ou seja, investigar os recursos poéticos, que contribuíram para driblar a censura na canção “Cálice” e analisar a repercussão dessa expressão poética no painel sócio-político do país. No primeiro momento apresentamos um breve relato sobre a história da ditadura militar no Brasil, bem como, sobre o autor e a obra, e posteriormente as análises das letras das músicas.

Ditadura Militar e Franciso Buarque de Holanda – entendendo o cenário

Entender o contexto histórico do Regime Militar de 1970 é importante para compreender a desenvoltura crítica, social e poética de Chico Buarque de Holanda. O mundo passava por grandes transformações no período de 1960, principalmente no plano político, como o término da Segunda Guerra mundial, os conflitos entre a União Soviética e os Estados Unidos e entre outras revoluções. A nossa nação sofria com vários golpes militares, mas em 1964 ocorreu o mais doloroso deles, que durou por aproximadamente vinte e um anos no poder. Com a renúncia do presidente Jânio Quadros (PTN) em 1961, assumiu o vice-presidente João Goulart (PTB), conhecido como Jango.

O atual presidente na época defendia mediadas consideradas de esquerda para a política brasileira. A crise econômica e a instabilidade política crescia no país. O golpe militar aconteceu em março de 1964 quando o presidente determinou a reforma agrária e a nacionalização das refinarias estrangeiras de petróleo. No dia 31 de março os militares iniciaram a tomada do poder e a deposição do presidente João Goulart. Em 09 de abril foi editado primeiro Ato Institucional (AI-1), por meio desse

decreto foi deposto o presidente, iniciando a cassação dos mandatos políticos e o marechal Castello Branco (ARENA) foi empossado presidente.

A partir de 1968 ocorreu o ponto crucial do golpe militar, que foi a decretação AI-5 (Ato Inconstitucional número 5)⁹, o quinto decreto que dava plenos poderes ao regime militar. Neste período a repressão foi a “ferro e fogo”, no que se diz em termos de rigor. Eram comuns ações como: prisões, torturas, cassações e exílios. E a censura atacava com a proibição de circulação de várias obras, como livros, filme, peças de teatro, músicas e até mesmo a imprensa que divulgava as notícias políticas do país. Inicia-se então, no meio literário, as elites de resistência, contra a tirania militar. Esses acontecimentos fizeram com que a literatura dessa época inovasse tanto na estética, como também nas ideologias que agora é densamente retomada para o panorama político nacional.

Chico Buarque de Holanda, teve aproximadamente 10 canções censuradas. Como não podia expressar os sentimentos sobre tudo o que acontecia no Brasil, os artistas escreviam com mensagens figuradas, metafóricas, produziam versos, livros, cinema, e eram proibidos pela censura, então, simplesmente refaziam outra coisa, surgindo assim, ao refazer, a linguagem figurada, metafórica, alusiva (FAVERATTO, 2011)¹⁰.

Francisco Buarque de Holanda mais conhecido como Chico Buarque de Holanda, nasceu dia 19 de Junho de 1944, no Estado do Rio de Janeiro. Filho do historiador e sociólogo Sérgio Buarque de Hollanda e da pianista amadora Maria Amélia Cesário Alvim. Seu pai teve que assumir a direção do Museu do Ipiranga, levando a família a mudarem-se para São Paulo, quando Chico tinha dois anos de idade. Uma parte da sua infância passou na Itália, tempo em que seu genitor foi convidado para dar aula na Universidade de Roma, quando Chico ainda tinha apenas nove anos de idade. A formação cultural foi influenciada pelas figuras famosas do cenário artístico brasileiro, como Oscar Castro Neves e Vinícius de Moraes por mediação do seu pai e de suas amizades. Sérgio Buarque de Holanda volta com a família para o Brasil em meados dos anos 50, nesta época Chico inicia suas primeiras marchas no mundo da música (HOMEM, 2009).

⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=ShWHbILNpU4>

¹⁰ <http://www.aparecidospoliticos.com.br/2011/10/2011/>

Em 1963 Chico ingressa na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Em 1964, Chico começa se apresentar nos festivais de músicas, onde mostra sua criatividade e habilidade de compor e se destaca. E sua música “A Banda” vence o II festival de Música Popular Brasileira da TV Record, Chico torna-se celebridade e suas canções passam a ser destaque no país.

O meu interesse – e também o meu desinteresse – político vem do tempo da Universidade. Ou melhor, um pouco antes, já no vestibular. Mas aí veio 1964, e eu me desencantei: como sentindo assim uma mudança violenta no sistema mesmo. E dentro da Faculdade a coisa se sentia muito forte em 64, tanto que de certa forma larguei os estudos. O desinteresse pela política e pela arquitetura vem daí; a Faculdade ficou uma chatice. Evidentemente eu não era nenhum aluno de destaque, mas me interessava pela vida universitária: e isso incluía a música e a política dentro da Universidade. (MENESES p. 21 *apud* BUARQUE).

Diante disso, o compositor passa a compor canções emaranhadas de propósitos e incorporação de ruptura, ao silêncio imposto pela tirania militar. No tempo presente, Chico passa a reivindicar sua utopia de futuro, deixando de lado sua vertente de saudosista, assumindo assim uma poesia carregada de criticidade social e significações históricas.

Poesia na linguagem e linguagem na poesia - deslizamentos de sentidos

A canção escolhida para as análises teve grande contribuição no período da ditadura, pois revela ocultamente, por meio da linguagem poética, os questionamentos dos intelectuais da época e o desejo pelo fim do regime militar. Podemos observar, nas composições de cada poema, o extremo protesto e insatisfação com o cenário político, econômico e social.

Filho (1992) afirma a relação da literatura com a arte, língua e cultura. A língua é dimensionada pela universalidade dos fatos, não se restringindo a representação destes, e a significação da linguagem ocorre em virtude da oposição entre conotação *versus* denotação. Assim, o sujeito expressa o cenário no qual produziu sua obra, fazendo da literatura um espelho social de uma determinada época, cabendo ao leitor, concretizar a realidade através da leitura.

A linguagem literária é eminente conotativa. A conotação pluraliza-se em função do universo cultural dos falantes: prende-se, portanto, às diferenças das camadas socioculturais e ao processo de desenvolvimento da cultura (...) (FILHO, 1992, p. 38).

Vale ressaltar que umas das peculiaridades da linguagem literária é a liberdade na criação, ou seja, é uma linguagem descomprometida com a realidade absoluta, sendo constituída pela função poética, isto é, quando o sujeito se utiliza da combinação de palavras, figuras de linguagem como metáfora, hipérbole, antítese, entre outros recursos na elaboração do texto, permitindo uma pluralidade de significados, como vamos observar logo abaixo no nosso objeto de análise.

“CÁLICE”¹¹

(refrão)

Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

Como beber dessa bebida amarga
Tragar a dor, engolir a labuta
Mesmo calada a boca, resta o peito
Silêncio na cidade não se escuta
De que me vale ser filho da santa
Melhor seria ser filho da outra
Outra realidade menos morta
Tanta mentira, tanta força bruta (refrão)

Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado
Esse silêncio todo me atordoia
Atordoado eu permaneço atento
Na arquibancada pra a qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa (refrão)

De muito gorda a porca já não anda
De muito usada a faca já não corta
Como é difícil, pai, abrir a porta
Essa palavra presa na garganta
Esse pileque homérico no mundo

¹¹ <https://www.kboing.com.br/chico-buarque/calice-part-nilton-nascimento/>

De que adianta ter boa vontade
Mesmo calado o peito, resta a cuca
Dos bêbados do centro da cidade (refrão)

Talvez o mundo não seja pequeno
Nem seja a vida um fato consumado
Quero inventar o meu próprio pecado
Quero morrer do meu próprio veneno
Quero perder de vez tua cabeça
Minha cabeça perder teu juízo
Quero cheirar fumaça de óleo diesel
Me embriagar até que alguém me esqueça

A canção Cálice, foi escrita por Chico Buarque de Holanda e Gilberto Gil em 1973, porém, por causa do seu conteúdo de denúncia e crítica social, foi lançada apenas em 1978. A música é considerada uma das principais canções de protesto e de resistência ao regime militar. Por meio de recursos metafóricos e estilísticos, como repetição e polissemia, os autores denunciam as práticas abusivas de torturas, repressão e outros procedimentos desumanos da época (HOMEM, 2009).

O título da música “cálice” já representa tentativa de driblar a censura por meio do jogo de palavras, como a metáfora e paronomásia, podemos observar isso tanto pela semelhança com o vocábulo “cale-se”, denunciando a falta de voz da sociedade na época, a falta da liberdade de expressão, pois os sujeitos sociais não podiam expressar pensamentos, ideias ou sentimentos que fossem contrários a ideologia do militarismo, a repressão significava a mordança nos lábios, quanto pelo uso do imperativo “cale-se”, ocasião que ocorre a mudança da classe gramatical do substantivo “cálice” para o verbo “cale-se”, denotando uma ordem de calar-se: “cálice”, e o poeta dá mais ênfase na expressão por meio das repetições do vocábulo “cálice”, produzindo um jogo sonoro no discurso. Vale ressaltar que a paronomásia é uma figura de linguagem que extrai expressividade da combinação de palavras com semelhanças fônicas, mas sentidos diferentes.

A música começa com o refrão, fazendo alusão a um versículo bíblico muito conhecido, em que Jesus ora a Deus para livrá-lo da morte, expressando assim, através de recursos sonoros da repetição e o duplo sentido, o desejo de que a aquela forma cruel de governo cheia abusos e arbitrariedades chegasse ao fim, o sujeito lírico pede o fim da censura, uma vez que a o silêncio, também representava a morte para todos aqueles que não apoiavam o governo e seus ideais.

A primeira estrofe começa com um questionamento “Como beber dessa bebida amarga”, revelando a dificuldade em viver e conviver com todo aquele cenário político, como se o martírio fosse algo natural. No entanto, mesmo diante de tanta dor e opressão, como o trabalho escravo e mal remunerado, mentira, violência contra os opositores, o governo não iria calar sua boca, não iria impedir de manifestar sua insatisfação, mesmo que fosse por veio de suas produções artísticas. “Mesmo calada a boca, resta o peito”, apontando que a ditadura tentava impedir a capacidade de se comunicar: “boca”, mas não a capacidade de sentir: “peito”, o eu lírico, pode não se expressar livremente, mas continua sentindo.

Na segunda estrofe a violência continua em evidência, revelando mais uma vez a dificuldade do sujeito poético em se conter, em ficar calado, mas era necessário, pois na “calada da noite” que acontecia em oculto as prisões, torturas e até mesmo a morte, e em qualquer momento poderia ser mais uma vítima. Diante de tanta violência praticada pela polícia e exército a mando do governo, o poeta manifesta seu desejo de “lançar um grito desumano”, de resistir e combater as atrocidades políticas, para ser escutado, mesmo que por meio da sua arte, embora, continue permaneça atento, mas “sentado na arquibancada”, esperando o “monstro da lagoa”, ou seja, o poder repressivo, pronto a atacar.

Na construção da terceira estrofe, ainda mantendo o cenário religioso, a porca gorda revela a ganância de um governo corrupto, e a faca sem utilidade revela a força policial, que de tanto usar, perdeu seu propósito, apontando para um país desorganizado pelo próprio regime. Denotando assim, o enfraquecimento do governo e seu poder e que a liberdade ainda era um sonho possível por meio da resistência, representada pela palavra presa na garganta, no qual, embora a vontade de mudar não fosse o suficiente, mas que mesmo silenciados, ainda a existia a “cuca”, ou seja, a capacidade de pensar, ao “abrir a porta”, sugere mais uma vez a queda do regime político, a libertação um novo tempo.

A quarta e última estrofe, inicia com o modalizador discursivo de dúvida: “talvez”, evidenciado o ponto de vista do poeta em relação àquilo que se diz. Segundo Castilho e Castilho (1993) esse recurso linguístico está a serviço da ação argumentativa. Nessa perspectiva, o poeta revela uma certa esperança, apontando para a possibilidade de mudanças e transformações no cenário político, econômico e social. “Quero morrer do meu próprio veneno”, o poeta reclama o direito sobre si e

suas escolhas, apontando para vontade de escolher seus próprios representantes políticos e arcar com as consequências dessa escolha, denotando a possibilidade do povo assumir sua responsabilidade por meio do sistema democrático, evidenciando mais uma vez, a rejeição ao militarismo, a importância de derrubar o governo opressor.

Diante de todo exposto, entendemos o porquê de Chico Buarque ser reconhecido como formador de opinião, pois o poeta não apenas tentou denunciar os opressores, mas também conscientizar a sociedade por meio de sus canções, que não deveriam aceitar, tampouco se calar, frente as práticas repressivas do governo, suas canções foram censuradas, mas o compositor não se intimidou, resistindo à censura, a favor da liberdade de expressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade estava insatisfeito com regime político da época e não podiam se manifestar ou se expressar livremente. Desta forma, os artistas e intelectuais da época encontraram na produção artística de suas canções um meio de burlar a repressão e a censura, utilizando-se dos recursos linguísticos, como figuras de linguagem ou de estilo para denunciar e se manifestar com uma linguagem mais expressiva.

Diante de todo exposto, é nítida a contribuição da poesia de Chico Buarque para o fim do regime ditatorial, através de suas composições musicais, o compositor, não apenas denunciou as atrocidades cometidas pelo regime militar da época, como também lutou pela conscientização social brasileira, com a intenção de conquistar novamente a liberdade de expressão, ele resistiu a censura, demonstrando seu comprometimento social por meio da arte, da poesia, da literatura. Portanto, ao produzir a canção-poema, o autor propõe uma reflexão, tanto da produção artística, quanto do movimento social de cunho político, cumprindo seu papel de cidadão/sujeito social.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.* Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6. Ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BELISÁRIO, Valéria. **Gilberto Gil explica a música “Cálice”**. 05min.43s. 15 de abr. de 2013. 05min43seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8CnSiaP-jL4> Acesso em: 10 de mar. De 2021.

BLAC, C. **Revista: Grandes Líderes da história**, p. 15/50, ed. 28. São Paulo, 2010.

BORGES, Maria Isabel. **O jogo ético-político nos quadrinhos editados em “O Pasquim”**. 179 f. Dissertação de (Mestrado em Linguística) — Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Uberlândia (UFU), 2004.

CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M de. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (Org.). Gramática do português falado. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

FILHO, Proença Domício. **A Linguagem Literária**. São Paulo: Ática, 1992.

GARCIA, L. S. Análise semântico-discursiva de canções com teor de protesto nos anos 70: uma leitura da ditadura militar no Brasil. **Revista de estudos linguísticos e literários do curso de letras - UNIFAP**. [s.l.], v. 02, n.01, 2012.

HOMEM, W. **Histórias de canções**: Chico Buarque. São Paulo: Leya, 2009.

JUTGLA, C. A poesia de resistência à ditadura militar (1964-1985): algumas reflexões. **Revista internacional Lyracompoetics**. [s.l.v.n.], p. 73-97. dez. 2013.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. 9. São Paulo: Contexto, 2004.

MARCONI, Marina Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Editora Atlas, 1992.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira**. 3 v. 6º ed. rev. e atual. São Paulo: Cultrix, 2001.